

“ALOU, GENTE! VAMOS FOCAR?”: A RECEPÇÃO DE TUDO POR UM NAMORADO, DE THALITA REBOUÇAS, POR ALUNAS DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL PAULISTA

Tatiana de Araújo Severo¹
Camila de Souza Fernandes²

Fechando foco

A modalidade textual que se denomina, dentre inúmeras designações “literatura de consumo”, sempre garantiu espaço no universo de leitura de leitores em qualquer grupo social, ou melhor, independentemente da situação econômica ou do perfil socioeconômico cultural do leitor, este tipo de texto tem atuação aprovada na maior parte do tempo nas classes mais altas ou nas menos favorecidas. É o que se pôde constatar no caso que agora se apresenta sobre a leitura de três adolescentes do Ensino Médio, de uma escola da rede pública estadual paulista, a E.E. Dr. Marrey Júnior, localizada na cidade de Presidente Prudente.

O corpo discente dessa escola é composto em grande parte de alunos que residem em bairros periféricos, cuja maior ia da população se caracteriza pela baixa renda, pouca escolaridade e acesso restrito aos bens culturais. Essas famílias têm gastos irrelevantes com educação, uma vez que as escolas públicas paulistas onde seus filhos estudam fornecem boa parte dos materiais escolares, de mochilas a livros e apostilas, contudo, um projeto educativo sério e qualitativo precisa ir além da mera distribuição de prendas ao início do ano letivo.

As práticas pedagógicas da E.E. Dr. Marrey Júnior, por exemplo, atestam a proposição anterior. Os docentes quando indicam trabalhos extraclasse contam com alguns complicadores: poucos alunos têm em casa livros, jornais ou revistas para pesquisa. Além disso, muitos não têm computador e uma fatia menor ainda possui acesso à internet. A sala ambiente de informática da escola, por ausência de um funcionário responsável, ou por outros motivos, passa o ano interditada. A biblioteca escolar funciona, mas nem sempre o aluno tem o dinheiro da condução para retornar à

¹ Universidade Estadual de Maringá (UEM)

² Universidade Estadual de Maringá (UEM)

escola em período adverso. Outro aspecto importante é a ausência da família no acompanhamento dos estudos dos filhos, matéria quase inexistente nesse contingente.

Do universo que acima se descreve, uma aluna da segunda série do Ensino Médio “apareceu” com um livro, um belo exemplar do que se pode intitular “literatura de consumo”. A leitura da aluna surgiu espontaneamente, ausente de qualquer imposição escolar. Assim, em linhas breves, este estudo visa refletir a ocorrência na tentativa de esboçar intervenções pelas quais a instituição escolar venha a se apropriar do fenômeno da “literatura de consumo” tornando-o um aliado na árdua sementeira do gosto pela leitura.

O livro que a aluna ISF, 15 anos lia em classe intitula-se *Tudo por um namorado*, 2005, de Thalita Rebouças e pertence à Coleção Rosa-Choque da editora Rocco. Segundo os editores, a série se destina ao público juvenil e reúne títulos com temáticas centradas nos encontros e desencontros amorosos da adolescência, acompanhadas de conflitos secundários, numa escrita que reflete a óptica feminina. Apesar de os editores não descartarem para a coleção a leitura de adolescentes do sexo masculino, a série repercute com sucesso entre as jovens leitoras.

Contudo essa legitimação dos leitores, especificamente, das empolgadas leitoras, não encontra a mesma voz na crítica especializada. A esse respeito, da divisão de opiniões crítica literária x público, não se pretende discorrer aqui tal debate, ou mesmo do que a obra deixa ou não de oferecer, uma vez que o objetivo é apresentar um caso de recepção de um título produzido sob a insígnia da escrita de consumo e levantar os aspectos que podem ter ressonância positiva para um projeto de formação de leitores na instituição escolar.

Um livro engraçadinho?

A narrativa de Thalita Rebouças conta a história de três amigas que moram na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, Gabi, Manu e Ritinha que, a pedido de Gabi, resolvem passar uma semana das férias de julho em uma tradicional colônia de férias, a fazenda Vida d'Ouro, localizada em Manto Claro, um lugarejo do interior do Estado.

Ao tomar conhecimento de que Diogo, o “Di”, um garoto da escola metido a cantor e surfista, sua mais nova paixão, irá participar do acampamento e que sua rival, ex-namorada de “Di”, Suzaninha, também estará presente, Gabi fica aflita, convence as amigas e as três decidem ir juntas.

Na colônia as amigas se separam. Ritinha, a mais jovem do trio é escalada para dormir em outro quarto, junto com Suzaninha. Em meio à rotina de gincanas e eventos noturnos Ritinha descobre que a rival de Gabi é o oposto do perfil que elas lhe impingiam, ou seja, uma “patricinha” fútil e egoísta.

Ritinha também se apaixona, por Leandro, um garoto da oitava ou do primeiro colegial, alto e desengonçado, que ela veio a conhecer no ônibus e que assim como ela, era “BV” (boca virgem). Os dois têm a experiência do primeiro beijo. Enquanto isso, Gabi consegue cumprir o que pretendia: “ficar” com Di, no entanto, depois do ocorrido, o garoto passa a ignorá-la.

Quando o passeio já estava por terminar, em um dos últimos eventos da Vida d’Ouro que seria uma trilha até uma cachoeira, as três amigas se perdem do grupo e passam a noite na floresta. Ao amanhecer Manu encontra João, o filho de um fazendeiro que passeava no local. João as resgata e as leva para sua residência. De lá as meninas conseguem contato com a colônia de férias. Manu e João se apaixonam.

Ao final, Suzaninha revela às garotas os motivos pelos quais o namoro com Diogo (“Di”) terminara: ele era mimado, egoísta e infantil. As quatro ficam amigas. Gabi se desencanta de Diogo e as três aprendem que não é bom julgar as pessoas pela aparência.

Como se constata, o livro de Thalita Rebouças reflete muito bem o padrão pretendido pelos editores para a coleção Rosa-choque: uma narrativa com temática centrada em um drama amoroso adolescente, acompanhada de outros conflitos típicos da puberdade: a amizade, preocupações excessivas com a aparência, idolatria a artistas, paixões platônicas, primeiro beijo, brigas entre amigas e crises existenciais.

Um elemento que chama a atenção na história das aventuras e desventuras amorosas das três amigas Gabriela (Gabi), Emanuela (Manu) e Rita de Cássia (Ritinha) é o uso de uma linguagem marcada pela repetição de clichês, gírias, marcadores conversacionais, que tornam o texto assinaladamente coloquial e oralizado. Além disso, a autora acrescenta ao enredo situações cômicas que conjugadas à informalidade do discurso, conferem à sequência narrada um caráter irreverente, intencionalmente muito próximo do universo, do repertório de seu público alvo.

O enredo é conduzido por um narrador em terceira pessoa que em muitas passagens para a narração e comenta a história, opinando sobre as atitudes das personagens, dialogando de igual para igual com o leitor. Observe-se o trecho do primeiro diálogo entre Leandro e Ritinha:

– Posso te chamar de... Rita, então?
– Deve – disse sem pensar [...]
– Rita rima com bonita. – Ele deu uma de... hum...vá lá... poeta. [...] Ritinha não esperava por essa! Virou um pimentão na primeira sílaba de “bonita” e teve a impressão de que até o seu couro cabeludo ruborizara com o galanteio. Mesmo morrrrrta de vergonha, conseguiu camuflar a timidez e arriscou:
- Você acha?
- Acho não, tenho certeza que rima: Rita, bonita. Ita, ita.
Bola fora Leandro! Fala sério, Leandro! Não era exatamente isso que a Ritinha queria saber, né, Leandro? Garotos são leeeentos... (REBOUÇAS, 2005: 114. Grifo do autor).

Há inúmeras passagens semelhantes em todo o texto, em que o narrador aconselha: “Não, Leandro! Não é assim que se faz! Isso não se fala para nenhuma mulher, tenha ela a idade que for! (REBOUÇAS, 2005: 115), não se contém, como neste trecho em que Gabi pergunta a Diogo, antes do primeiro beijo: “ - Você quer que role? Boa, Gabi!” (REBOUÇAS, 2005: 130, grifo do autor); se emociona, observe-se o comentário logo após a resposta de Diogo: “ – Pô, aê... eu ia ficar amarradão se fosse verdade... Uau! E agora? Refletiu Gabi. Agora beija, ué!” (REBOUÇAS, 2005: 130. Grifo do autor).

É interessante observar a perspectiva declaradamente feminina do narrador (possivelmente narradora), a adesão ao provável ponto de vista do leitor, no caso, leitoras e suas tentativas de direcionar as opiniões dos leitores ao refletir sobre os fatos que narra. Note-se novamente um de seus comentários, agora a respeito da música que Diogo compusera e interpretara em uma noite de luau do acampamento, “Garota Douradaça”:

(um breve parêntese se faz necessário. Di devia ter dito “primeira vez que eu tenho *coragem* de cantar para uma galera”, porque, francamente, ô musiquinha ruim! Ô, musiquinha caída, ô, musiquinha lamentável! Musiquinha sem nexo, musiquinha que nunca devia ter saído da gaveta.) (REBOUÇAS, 2005: 121).

Como se atesta, há um nítido empenho do narrador em tornar os leitores cúmplices de suas opiniões e fica patente o esforço da escritora em criar um texto de fácil “digestão”, dinâmico, agradável, atraente aos olhos de seus leitores (suas leitoras).

Destas ligeiras análises se pode depreender que a narrativa foi tecida com variados jargões de sedução para os leitores dessa faixa etária, por conter vários mecanismos de reconhecimento como o coloquialismo das falas das personagens e do discurso do narrador, a condução auto-explicativa do enredo e o tom jocoso de alguns

episódios. Esses são os principais elementos que compõem o repertório de um texto que se quer “engraçadinho” a seus leitores.

“Sim! Engraçadinho!”, com a palavra, as leitoras.

Após a leitura espontânea do livro, as três alunas³ da segunda série do Ensino Médio da Escola Estadual Dr. Marrey Júnior, localizada na cidade de Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo, responderam a um questionário, pelo qual foi possível captar suas apreensões de leitura.

As alunas informaram que têm entre 15 e 16 anos de idade, sempre estudaram em escolas públicas, seus pais têm nível médio de escolaridade e que em seu tempo livre gostam de ler, dormir e assistir televisão, não necessariamente nessa ordem.

Sobre como conheceram o livro uma das alunas informou que havia feito a leitura de outros livros da Thalita Rebouças e que por ocasião de seu aniversário sua mãe resolvera lhe presentear com este último: “conheci porque eu leio os livros da Thalita Rebouças então no meu aniversário minha mãe foi na livraria e tinha chegado o novo livro dela que era esse” (ISF, 15 anos)⁴.

Essa mesma aluna fez a indicação às outras colegas de classe, observe-se o depoimento de uma delas: “ISF me indicou o livro, falou que na história tinha Eu, Ela e a Luciana e eu acabei me interessando pelo livro” (TCC, 15 anos). É interessante notar o argumento utilizado por ISF, 15 anos ao indicar a leitura à amiga: o reconhecimento, a identificação com as personagens.

Com relação a seus processos de leitura, as alunas declararam terem sido fácil por causa da linguagem: “a leitura foi facil porque o livro tem uma linguagem facil de entender” (ISF, 15 anos).

A apreciação das alunas sobre o livro é unânime, todas gostaram da narrativa, veja-se o comentário de uma das alunas:

O livro Tudo por um namorado é um livro muito interessante, que varias adolescentes concerteza gostaram muito, por ser um livro muito engraçado é do tipo de livro que você lê e viaja como se você estivesse na história (ISF, 15 anos - *ipsis litteris*)

³ As leitoras: ISF, 15 anos, a aluna que “apareceu” com o livro; TCC, 15 anos, leu por indicação de ISF e ASS, 16 anos, por indicação do professor, concordou em fazer a leitura.

⁴ Textos das alunas: *ipsis litteris*.

A amizade é um dos aspectos que primeiro aparecem em seus resumos da história: “Este livro fala sobre 3 amigas” (ISF, 15 anos); “A história conta sobre 3 amigas” (TCC, 15 anos) e “A história fala de três meninas que são muito amigas” (ASS, 16 anos), veja-se a resposta de uma das alunas para o que mais gostou na história: “o laço de amizade entre as 3 e Suzaninha” (TCC, 15 anos).

Outro aspecto da narrativa que agradou as leitoras foi o fato de acharem o livro divertido, contemporâneo, observe-se o que responde a aluna ISF, 15 anos expõe, ao responder sobre o que mais gostou na narrativa: “de tudo principalmente das palhaçadas que ela fala no livro que é muito legal”. Adiante, quando responde sobre quem se interessaria pela leitura do livro, a aluna diz: “meninas que gostem de livros, como esse de rir, de aventura, e que goste de livro que fala sobre viagens com amigas com uma missão [...] mas em todo caso seja uma menina que goste de rir porque o livro é bem engraçado”. Outra aluna, ASS, 16 anos, ao analisar sobre quem estaria interessado nesse tipo de história, afirma: “adolescentes apaixonadas, pessoas que gostam de ter uma leitura mais moderna”.

A questão da identificação é um aspecto fortemente presente no discurso das alunas, observe-se: “[...] esse livro é muito legal você se diverte e se imagina na história” (ISF, 15 anos). Quando responde à pergunta “o que você diria à autora?”, as respostas são: “diria que ela está de parabéns em escrever livros em que 9 entre 10 garotas se identificam com ele” (TCC, 15 anos).

Quando questionadas sobre que tipo de leitor se interessaria pela leitura do livro, uma das alunas responde com muita lucidez, revelando o verdadeiro significado do que deve ser a leitura do texto literário em qualquer esfera, tipologia textual ou categoria de leitores. Reporte-se a questão: “na sua opinião, qual leitor se interessaria em fazer a leitura deste livro?”, observe-se a visão amadurecida e desconectada da dimensão utilitária da leitura da aluna: “os leitores que buscam ler um livro onde ele quando está lendo parece que está vivendo a história; quando querem imaginar as coisas; esse seria um dos livros ideais para soltar a imaginação” (TCC, 15 anos).

Práticas de leitura escolar: o livro ideal existe!

Ceia (1999) defende a ideia de que a literatura não está em crise com a pedagogia. Apesar de, em sua gênese, a literatura não se apresentar vinculada a

objetivos pedagógicos e de a pedagogia ser uma ciência independente, o encontro entre as duas disciplinas pode ser amistoso e a convivência pode vir a ser pacífica:

[...] a literatura não se fez para ser ensinada, mas de certeza que se pode ensinar sem com isso excluirmos a sua originalidade nem nos servirmos deste facto de relação para a separarmos da pedagogia. É a reflexão sobre a literatura que nos ensina. (CEIA, 1999: 58).

Desse modo, o que se deve discutir não é a escolarização do texto literário, e sim a escolarização inadequada da literatura. O conjunto de inadequações metodológicas praticado nas escolas é o principal agente causador da crise que se instaura na educação literária. E para que as propostas traçadas a partir das concepções legadas das teorias que validam a atuação do leitor na construção do significado do texto literário obtenham sucesso quando aplicadas a uma situação de formação de leitores são necessárias mudanças imediatas em algumas práticas escolares.

Em primeiro lugar, a escola poderia desfazer-se de uma postura tradicionalista de validar aquilo que é próximo de uma “normalidade” determinada pela classe social vigente e mostrar-se aberta à diversidade cultural dos alunos, respeitando e valorizando sua individualidade e, a partir desse pressuposto, eleger finalidades e estratégias de trabalho quanto ao plano didático de literatura.

Não há meio de desenvolver a competência leitora dos alunos sem que estes leiam. Assim, a escola deve preocupar-se em oferecer ao educando um espaço de leitura individual, autônoma, continuada e deve estar atenta em fornecer textos que se adéquem ao nível de competência leitora dos alunos: “é imprescindível que o próprio texto ensine a ler [...] é imprescindível para que os alunos formem sua auto-imagem como leitores [...]”. (COLOMER, 2007:125).

Logo, convém refletir sobre a ocorrência aqui apresentada, em uma escola pública, com perfil de alunos de baixa renda, falta de apoio familiar, pouco acesso aos bens culturais, surge um grupo de alunas interessado na leitura de um texto literário, ainda que de um texto não canônico, ainda que de um título sob o mal afamado rótulo “literatura de consumo”.

Assim, a escola deve, portanto, se apropriar de todo texto, toda atividade que gere motivações autênticas, verdadeiras, desautomatizadas para uma prática de leitura que se queira séria. É isso o que, muito ligeiramente, tentou evidenciar este estudo.

Finalmente, em última análise, uma pergunta e uma resposta: livro ideal? O encontrar o leitor, só ele possibilitará o soltar da imaginação.

Referências

REBOUÇAS, Thalita. **Tudo por um namorado**. São Paulo: Rocco, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CEIA, Carlos. **A literatura ensina-se?** Estudos de teoria literária. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999.